

volume

17

Dezembro/2011

volume

18

Dezembro/2012

ISSN 01516-2095

ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica





**Obra publicada pela
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar
Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani
Gonçalves Ávila

Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Manoel de Souza Maia

Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes
Luzzardi

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.
Élio Paulo Zonta

Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta
Trierweiler

Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso
Amaral

Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento

Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes

Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantoroski | Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretora: Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2011-2012

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em Revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.17-18, (dez. 2011 dez 2012). –
Pelotas: Editora da UFPel, 2011.
1v.

Anual
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

ESTÚDIO FOTO KLOS: POSSIBILIDADES DE PESQUISA

Carmem Adriane Ribeiro*

RESUMO: O presente texto discorre sobre as possibilidades de pesquisa através do acervo particular do estúdio Foto Klos, localizado em Panambi, região Noroeste do Rio Grande do Sul, fundado no início século XX. O estúdio iniciou suas atividades em 1913, como um empreendimento familiar, e mantém-se até os dias atuais, com o trabalho da terceira geração de fotógrafos. Os 98 anos de atividades fotográficas contribuíram para a formação do acervo particular constituído de objetos (câmeras, equipamentos de estúdio e laboratório analógico), documentos, manuais e uma vasta coleção imagética (negativos de diversos tamanhos e formatos, poses, retratos, famílias, associações, clubes, eventos, empresas, paisagens...). Por tais razões, esse acervo possibilita aprofundar e ampliar os estudos em torno da cultura visual, pois reflete as mudanças econômicas, sociais, históricas e culturais da sociedade, bem como permite delinear as alterações tecnológicas da cultura fotográfica.

Palavras-chave: Fotografias. Estúdio fotográfico. Cultura visual.

A humanidade está cercada de imagens de diversos tipos, tamanhos, cores e texturas. Dentre essa diversidade visual, está a fotografia¹ que, desde o seu surgimento, vem registrando o mundo contemporâneo, presente nos mais diversos momentos e eventos.

Trabalho de fotógrafos profissionais ou amadores, câmeras simples ou complexas, imagens constituídas de “personalidades” ou pessoas anônimas, a fotografia perpassa por espaços e tempos diversos, expressando sentimentos e formas de representações variadas, de acordo

* Doutoranda em História - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS - CAPES (Bolsa Flexível). E-mail: carmem.ribi@gmail.com

¹ O termo foto vem do grego *phôs* e significa luz; enquanto *grafia* corresponde à escrita. Assim, fotografia significa: “a arte de fixar a luz de objetos mediante a ação de certas substâncias” (Borges, 2003, p. 37).

com os interesses de quem as produz², da circulação e do consumo, seja no espaço público ou na intimidade da vida privada.

Nesse sentido, entender como é constituído o acervo particular de um estúdio fotográfico, localizado em uma região de colonização particular e étnica do RS, bem como conhecer seu breve histórico e o dos profissionais que atuaram no empreendimento familiar, instiga a pensar nas diversas possibilidades de pesquisa que este contexto proporciona.

O estúdio Foto Klos foi fundado em 27 de setembro de 1913, em Panambi (na época Colônia Neu-Württemberg), Região Noroeste do Estado do RS. A princípio, com a denominação “Atelier Fotográfico”, iniciou suas atividades na propriedade rural da família Klos. Nos anos seguintes, instalou-se em imóvel alugado na sede da colônia Neu-Württemberg. Em 1919, transferiu-se definitivamente para o imóvel de propriedade da família, na Rua Gaspar Martins³, local onde funciona a empresa até hoje, há 98 anos.

Empreendimento familiar desde seu surgimento, permeado pelo trabalho de três gerações de fotógrafos e administradores, produziu imagens fotográficas que refletem as mudanças econômicas, sociais, históricas, culturais e tecnológicas da comunidade. Isso porque as imagens, dentre elas a fotografia, expõem as formas de sentir e pensar, “mostram como a memória coletiva vai sendo construída, criando laços de pertencimento mútuo e unindo os membros de uma mesma coletividade” (Borges, 2003, p. 112).

O integrante da primeira geração a trabalhar na empresa foi o fotógrafo e imigrante Sr. Adam Wilhelm Klos⁴, “natural de Schwabenheim, estado de Hessen, região dos vinhedos, na Alemanha” (Klos, 2008, p. 1). Por ser uma empresa familiar e com funcionamento anexado à residência,

² O fotógrafo ou quem solicitou a ele a produção da imagem.

³ No início do século XX, essa rua era lócus industrial, comercial e de serviços, ou seja, o centro da “Vila”.

⁴ Aprendeu a profissão na Alemanha, quando começou a trabalhar como assistente em um estúdio fotográfico. Nos anos de 1906 e 1907, “assistiu, na condição de aprendiz/ouvinte, um curso de formação profissional, com especialização para retoque de negativo, pagando DM\$ 1,00 (um marco alemão) por hora/aula” (Klos, 2008, p. 1).

o fotógrafo contava com o auxílio da esposa Frieda Doeth Klos⁵.

O Sr. Adam Klos foi o profissional contratado pela empresa Colonizadora Hermann Meyer para fotografar o desenvolvimento da colônia. Sendo assim, notabilizou-se na produção de imagens externas, com a preocupação de dar a ver o lado belo desse mundo colonial, sendo o responsável pelas “vistas parciais da nascente sede urbana [...] e representando a colônia como um lugar tranquilo, ordenado, higiênico, em constante expansão” (Neumann, 2009, p. 252). Além das paisagens também fotografou eventos sociais, retratos escolares, associações, empresas, eventos trágicos, dentre outros.

O equipamento fotográfico que Adam Klos utilizou no início do século XX foi trazido da Alemanha. Era uma câmera Carl Armster 18 x 24, com negativo em lâmina de vidro. Essa câmera permitia fazer duas fotos por chapa de vidro, de estúdio ou externa, escolher a posição retrato ou paisagem e regular a inclinação do foco (utilizado para fotos em perspectiva de torres).

⁵ A partir de 1936, após o divórcio, o empreendimento foi mantido por ela com o auxílio dos filhos até 1948, momento em que o filho mais velho Ottmar Klos assume a empresa.



Câmera Carl Armster utilizada pelo Sr. Adam Klos no início do século XX.
Acervo Particular do Estúdio Foto Klos. Foto: Carmem A. Ribeiro
(22/11/2009)

O que torna suas imagens singulares é o fato de ser um estrangeiro olhando para esse espaço em construção, além do cuidado na produção das fotografias, pois se percebe a preocupação por ângulos que possibilitavam dar um acabamento artístico a elas.

Na maioria das paisagens urbanas registradas por Adam Klos, há uma espécie de moldura a partir da natureza, revelando o desenvolvimento da colônia, sem deixar as “belezas naturais” de lado. Além da “busca por imagens inusitadas de lugares comuns, explorando a ilusão de profundidade e a perspectiva, bem como molduras e formatos variados” (Neumann, 2009, p. 252), o que demonstra conhecimento técnico e utilização de tecnologias que possibilitavam a produção das imagens mesmo em uma região afastada dos grandes centros urbanos.

Destaca-se também o olhar estético do fotógrafo e a preocupação com a função das imagens por ele produzidas, visto que a maioria delas foi produzida com a finalidade de ilustrar materiais de divulgação e propaganda pela empresa colonizadora Hermann Meyer.

Ademais, convém analisar, além do processo de produção das fotografias, a sua circulação e consumo.



Vista parcial de Neu-Württemberg. Foto de Adam Klos (Década de 1920).

Acervo Particular do Estúdio Foto Klos.

**Negativo em vidro fotografado e transferido para positivo no software
PhotoShop.**

O integrante da segunda geração - Sr. Ottmar Klos - assume a direção do empreendimento e a função de fotógrafo a partir de 1948. Diferente do pai, ele aprendeu a profissão na prática do dia a dia com sua mãe e se dedicou mais às fotos de estúdio, em especial, fotos de casamento e retratos individuais e familiares. Também fotografou diversos

eventos sociais, religiosos, políticos e culturais. No entanto, as imagens de paisagens rurais e urbanas foram produzidas em menor escala.

No acervo deste período, há diversos tamanhos de negativos, demonstrando a variedade de equipamentos utilizados. Porém, predominam os negativos planos em vidro ou flexíveis de tamanho 6 x 9. Ele continuou se dedicando à fotografia até a década de 1990, mas, em 1974, passou para o filho André Dietter Klos a responsabilidade jurídica.

Nas fotografias abaixo, é possível observar e analisar diversos aspectos, como a pose, o formato, o cenário, os objetos presentes na imagem e seus significados (social, cultural, religioso).



**Foto de Ottmar Klos (Década de 1950).
Negativo em vidro n. 4982.**



**Foto de Ottmar Klos (24/10/1954).
Negativo em vidro n. 2.348.**



Foto de Ottmar Klos (1954)
Negativo em vidro n. 9.175

Para Roland Barthes, as fotografias refletem o sentimento de que não somos imortais e este registro é a certeza de que a seleção feita durante o ato fotográfico será eternizada. Desse modo, a fotografia é uma importante fonte de pesquisa e o pesquisador ao buscar entender uma imagem e as intenções de seu produtor, “compreende mais facilmente que o conhecimento histórico opera no reino das possibilidades e da verossimilhança. Seu ofício implica conhecer, compreender e interpretar, à luz das evidências históricas, da qual a imagem fotográfica é uma das manifestações” (Borges, 2003, p. 112) que os indivíduos ou grupos quiseram atribuir às suas práticas sociais.

A terceira geração assume o empreendimento familiar: André

Dietter Klos, que acompanhou o desenvolvimento e circulou pelos ambientes da empresa desde sua infância, visto que, não havia separação clara entre os espaços público (empresa) e privado (residência)⁶. Ele nasceu e cresceu em meio a fotografias, pois seu pai, avô e avó eram fotógrafos, como foi mencionado anteriormente.

Acompanhou, desde muito pequeno, as atividades da família, as evoluções tecnológicas e a produção das imagens, do processo de revelação analógica (química) à digital. Em entrevista, ele comenta: “Eu ainda assisti meu pai tirando fotografia em câmeras que necessitavam do pano preto, tinha que tirar o foco e depois colocar o “chassis”, primeiro com o negativo plano e depois com o filme 120 mm” (Klos, 2011, p. 2). O fotógrafo estava fazendo referência à câmera Carl Armster, mencionada no início deste texto.

André Klos fez cursos profissionalizantes em Porto Alegre e São Paulo, porém a estreita convivência no estúdio propiciou a aprendizagem da profissão e a experiência ao lado do pai foi fundamental, como ele relata: “Eu na verdade fui menor aprendiz, até antes dos 14 anos, fazia serviço de banco e principalmente ajudava o pai nas fotografias externas, menos no estúdio, mas na fotografia externa, toda a questão de equipamento de levar duas, três máquinas [...]” (Klos, 2011, p. 4).

Na década de 1970, André Klos começou a fotografar. Ele relata que iniciou com equipamento da linha Minolta e “equipamentos de iluminação praticamente foi a vida toda Meta Blitz ou Flahs Metz. Depois, tirei muitas fotos com a Rolleiflex 6 x 6, Mamiya 6 x 6, Minolta modelo SRT 101” (Klos, 2011, p. 8). Observa-se, com isso, que a maioria dos equipamentos eram importados (Alemanha e Estados Unidos).

Em entrevista realizada com André Klos (2011), ele comenta que, atualmente, a quantidade de imagens produzidas é muito maior do que no início do século XX⁷, porém a quantidade de imagens

⁶ Situação frequente até a metade do século XX, quando as casas comerciais ocupavam a frente do prédio e a residência localizava-se no espaço que sobrava, geralmente nos fundos do próprio prédio ou uma casa nos fundos do terreno.

⁷ Apenas as pessoas com maior renda e poder aquisitivo tinham condições de obter este “artigo de luxo”, de “desejo”, considerando que por longo período era o único estúdio fotográfico instalado em Panambi.

comercializadas pelo fotógrafo é muito menor⁸.

Com a popularização da fotografia, equipamentos com custos menores e a grande quantidade de mídias que possibilitam fotografar cada momento do dia a dia (celulares, por exemplo) provocaram a diminuição da demanda por fotografias de estúdio (no caso do estúdio Foto Klos) e aumentaram a quantidade de fotos amadoras. Porém, a maioria dessas imagens não é impressa, estando em suportes eletrônicos/digitais.

Nesse sentido o estúdio enfrenta vários desafios para se manter no mercado, como a utilização de novas tecnologias e seus suportes (*softwares*), a qualidade e a estética da imagem, produtos diferenciados, além da concorrência que aumentou significativamente na segunda metade do século XX.

Sobre a popularização da fotografia, Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho (2009, p. 30) afirmam que a fotografia é uma invenção burguesa que popularizou o retrato e “levou aos recantos mais distantes do mundo essa ‘caixa de pandora’, contendo paisagens de lugares exóticos, de monumentos”, além de possibilitar às diferentes classes sociais o hábito de retratar a si mesmo, ao casal, aos filhos e à família devido aos custos mais baixos de produção.

Antes da fotografia, o retrato, produzido por artistas através da pintura, era um privilégio restrito à nobreza e aos comerciantes ricos. A fotografia veio, então, a registrar, documentar as mudanças do corpo social familiar e reforçar os ritos de passagens (batismo, crisma, eucarestia, casamentos e morte), anunciar nascimentos e propostas de casamento, das diferentes classes sociais.

A circulação da imagem fotográfica substituiu ausências entre parentes e amigos, contribuindo, portanto, para a construção da memória familiar por meio de narrativas visuais, seja através dos álbuns de famílias ou de retratos avulsos.

Os 98 anos de existência da Foto Klos, constituíram um acervo com muitas possibilidades de pesquisa, pois sua trajetória abrange desde a fotografia produzida a partir de negativos emulsionados em vidro,

⁸ No início do século XX, produzia-se duas ou três fotos de casamento, mas se vendia meia dúzia ou uma dúzia de cada (os noivos davam fotos de lembrança aos familiares e testemunhas da cerimônia). No final do século XX, com as tecnologias digitais, se fotografa 300 imagens para entregar um álbum impresso com 80 a 100 fotos.

perpassando pelos filmes flexíveis de 120mm e 35mm, até a “era digital”. Sua trajetória também é marcada pela transição da fotografia preta e branca para a fotografia colorida (final da década de 1970).

Entre os documentos que constituem o acervo, há seis livros de registros, manuscritos de 1913 a 1981, com um intervalo de 10 anos referente a um livro que não foi localizado, provavelmente porque não foram feitos registros no período de 1920 a 1930.



**Páginas 188 e 189 do mês abril de 1950 do Livro de Registros número 4.
Fonte: Acervo Foto Klos - Foto: Carmem A. Ribeiro - 02/04/2009**

Os livros têm, em média, 150 páginas. Alguns possuem 200 páginas; outros, menos. Esses registros informam vários dados, tais como: mês e o ano (na margem superior); o dia do evento (na primeira coluna); o número do registro no negativo (na segunda coluna); os nomes dos fotografados (na terceira coluna); e o tipo de foto: casamento, família, retrato meio corpo (ao lado). Em alguns livros, ainda, é possível observar o tipo de foto solicitada (postal ou retrato), o valor a ser pago e a quantidade de imagens encomendadas.

Por meio desses dados, é possível observar a classe social e econômica dos fotografados, como eles buscavam se representar, o custo, a quantidade e o tipo de fotografias. Também, a produção de imagens do

estúdio por dia, mês e ano, possibilitando a análise do desenvolvimento econômico do empreendimento e sua relação com a comunidade local, estadual, nacional e até internacional, visto que os primeiros equipamentos e materiais eram importados da Alemanha e Estados Unidos da América ou adquiridos em Porto Alegre e São Paulo.

Para fazer um diagnóstico do acervo, inicialmente fotografou-se 1600 negativos em vidro, metade deles selecionados pelo Fotógrafo Ottmar Klos, em visita realizada ao estúdio nos meses de maio e junho de 2009. As imagens coletadas neste período foram agrupadas por temas, pois, por terem sido cedidas avulsas pelo fotógrafo, não se teve acesso à forma de ordenação original.

Sendo assim, em uma primeira tentativa de organizar o material, optou-se por classificá-lo de acordo com a quantidade de vezes que os mesmos temas apareciam nas fotografias. Por exemplo: casamentos, clubes e associações, crianças, diversos, educação, eventos sociais e políticos, famílias, paisagens, religiosidade, retratos e retratos individuais, trabalho, urbanização e veículos. Observa-se que os temas não são fechados e que algumas imagens podem fazer parte de mais de um tema.

Outra parte dos negativos (850 unidades) foi fotografada no mês de outubro de 2010, quando foi concedido acesso livre ao acervo que estava em uma parte desativada do prédio. O material proveniente do sótão⁹ do estúdio estava em condições precárias devido aos muitos anos de armazenagem inadequada.

Os negativos foram fotografados e o agrupamento deles segue a ordenação original feita pelo estúdio Foto Klos. Eles estavam guardados em pequenas caixas de papelão, provavelmente as mesmas em que estavam armazenadas no momento da aquisição dos negativos. No lado externo da caixa, geralmente na tampa, estava anotado o número do negativo inicial e do final. Por exemplo, em uma caixa, onde estava escrito “6.981 – 7.020”, o primeiro negativo da caixa era o de número 6.981 e o último era 7.020. As caixas com negativos de fotografias 6 X 9 geralmente continham 40 negativos e as caixas com negativos de imagens 13 x 18 geralmente continham 25 negativos.

Para fotografar os negativos, o estúdio cedeu uma mesa de luz, é um equipamento em formato de caixa retangular, com tampo de vidro

⁹ Característica dos estúdios fotográficos de regiões de colonização.

fosco, duas lâmpadas fluorescentes em seu interior e um botão para ligá-las e desligá-las. Colocando o negativo no tampo de vidro fosco e ligando as luzes, era possível fotografar com nitidez o negativo, pois a iluminação sob ele provoca um contraste na imagem, permitindo seu registro.

Nesta etapa, não houve interferência do fotógrafo na seleção das imagens, o que possibilitou conhecer o acervo e selecionar as imagens do período definido para a pesquisa.



**Foto B: Mesa de luz; Foto C: Negativo em vidro 6 x 9;
Foto D: Negativo em vidro transferido para positivo em PhotoShop.**

A partir do acervo do estúdio Foto Klos - objetos, fotografias e documentos escritos - entende-se que há inúmeras possibilidades de pesquisa para compreender vários aspectos da historiografia local, regional, nacional e internacional, tendo em vista as relações comerciais, sociais e culturais que se estabeleceram através da cultura fotográfica. Além disso, mesmo que essas fontes estejam guardadas há quase um século em um arquivo particular, com circulação limitada, é uma demonstração da preocupação com a memória (mesmo que seja de forma inconsciente), por meio da cultura fotográfica.

Esse texto buscou, em breves linhas, instigar a utilização dos acervos fotográficos (privados ou públicos) nas pesquisas de cultura visual e fotográfica. Ana Maria Mauad faz refletir sobre o desafio que se apresenta ao historiador das mais diversas correntes historiográficas - os quais utilizam a fotografia como fonte de pesquisa -, destacando os cuidados e a sensibilidade que eles devem ter ao trabalhar com esse tipo

de acervo. Ela indaga: “como chegar ao que não foi imediatamente revelado pelo olhar fotográfico? Como ultrapassar a superfície da mensagem fotográfica e, do mesmo modo que Alice nos espelhos, ver através da imagem?” (Mauad, 2005, p. 137).

Charles Monteiro argumenta que a fotografia é: “uma convenção do olhar e uma linguagem de representação e expressão de um olhar sobre o mundo. Nesse sentido, as imagens são ambíguas (por sua natureza técnica) e passíveis de múltiplas interpretações (em relação ao meio através do qual elas circulam e do olhar que as contempla)” (Monteiro, 2009, p. 174).

Portanto, se faz necessária a compreensão e desconstrução do olhar fotográfico, da interpretação que deve ser permeada pela discussão teórico-metodológica e da formulação de problemas históricos e visuais para que “a dimensão propriamente visual do real possa ser integrada à pesquisa histórica” (Monteiro, 2009, p. 174).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 112. (Coleção: História & Reflexões).

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: histórias e imagens**. São Paulo: EDUSC, 2004.

KLOS, André Dieter. **Foto Klos – 95 anos - A História de uma família na fotografia em Panambi: 27 de setembro de 1.913 – 2.008**, p. 1. (Texto digitado, não foi publicado).

KLOS, André Dieter. **Retratos fotográficos em Panambi**. Depoimento concedido à Carmem Adriane Ribeiro e Rosane Márcia Neumann. Panambi (RS), 20 de maio de 2011. Disponível no Laboratório de História Oral da PUC-RS.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família**. São Paulo: Edusp / Fapesp, 2001.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografias: Usos**

sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.) **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo: USP, jan.-jun. 2005, v. 13, n. 01, pp. 133-174. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx:89/redalyc/pdf/273/27313105.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2009.

MONTEIRO, Charles. A pesquisa em História e Fotografia no Brasil: notas bibliográficas. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 169-185, dez. 2008. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/28/_28art9.pdf. Acesso em: 25 abr. 2009.

NEUMANN, Rosane Márcia. **Uma Alemanha em miniatura**: o projeto de imigração e colonização étnico particular da Colonizadora Meyer no noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932). Porto Alegre (RS), 2009. Tese [Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, 2009.